

Além do paetê: experiências das travestis em Fortaleza nas três últimas décadas do século XX.

ELIAS FERREIRA VERAS¹

Sr. Editor: Depois que a Polícia Militar do Ceará colocou nas ruas centrais de Fortaleza, no horário noturno, a partir das 22 horas, a cavalaria e os cães amestrados, diminuiu bastante o número de roubos, assaltos a mão armada, saques e incêndios nas lojas, praticados pelos mirins e travestis, não somente portadores do defeito moral da pederastia, mas finíssimos ladrões. E a prova de que os travestis são perigosos à sociedade é que os mesmos ficam diariamente na rua duque de Caxias com Senador Pompeu e também na Praça do Ferreira, em grande grupo, assaltando pessoas indefesas. A PMC deve fazer busca de arma nos travestis que andam armados com giletes, navalhas etc e são um perigo, sobretudo para os turistas desprevenidos. (Jornal O Povo, Fortaleza, 16 de janeiro de 1990.)

Nada sabemos sobre a biografia do leitor Eduardo Carlos que, em 16 de janeiro de 1990, escreveu à sessão “Opinião” do jornal *O Povo*, da cidade de Fortaleza, agradecendo à Polícia Militar do Ceará pela presença da cavalaria e dos cães amestrados nas ruas centrais da cidade a fim de controlar os “assaltos a mão armada, saques e incêndios nas lojas, praticados pelos mirins e travestis”.

Não sabemos nem mesmo, se Eduardo Carlos, “leitor comum” que teve sua carta publicada na mesma página das “opiniões especializadas” era um leitor “real” ou “ficcional”. Para nós importa menos a identidade do leitor e mais as consequências de verdade produzidas pelo seu discurso² reproduzido nas páginas daquele jornal.

Não restavam dúvidas àquele leitor. “Os”³ travestis eram “perigosos à sociedade” ficando “os” mesmos “diariamente na rua duque de Caxias com Senador

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Linha de Pesquisa Relações de Poder e Subjetividade, sob orientação da Profa. Dra. Roselane Neckel.

² O termo é usado aqui no sentido empregado por Foucault quando se refere “ao conjunto de saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Ou seja, os discursos que estariam supostamente descrevendo um real pré-dado estão, de fato, implicados com a produção desse real e de seus sujeitos.

³ Á época, o emprego do substantivo *travesti* como pertencente ao gênero gramatical feminino, como parte constituinte do próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis estava distante das práticas cotidianas. (Estaria mais próximo agora?) Estava distante, inclusive, do discurso acadêmico produzido sobre as travestis. O estudo pioneiro de Hélio Silva sobre as travestis que se prostituíam no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, por exemplo, publicado

Pompeu e também na Praça do Ferreira, em grande grupo, assaltando pessoas indefesas”.⁴ Quantos leitores do jornal *O Povo*, ao lerem a carta de Eduardo Carlos devem ter compartilhado da mesma sensação de felicidade e de segurança pela “proteção” policial contra aqueles sujeitos “portadores do defeito moral da pederastia” e “finíssimos ladrões”?

A carta de Eduardo Carlos insere-se em uma matriz discursiva observada nos textos da imprensa de Fortaleza que, ao longo das últimas três décadas do século XX, parece ter reduzido e limitado as experiências dos sujeitos travestis à prática da prostituição, relacionando-as a toda sorte de perigo: assassinatos, roubos, AIDS⁵.

Dois dias antes de publicar a carta de Eduardo Carlos, ou seja, em 14 de janeiro de 1990, o mesmo jornal, trazia a reportagem “Travestis: nem AIDS preocupa os que fazem ponto em Fortaleza”, na qual ficava explícita a associação entre travestis, prostituição e AIDS:

O centro de Fortaleza é palco de inúmeras transas no período da noite. [...] Em busca de clientes, mulheres e travestis lutam pela madrugada na tentativa de adquirir o pão de cada dia em troca de prazer. [...] Cruzamentos de ruas como a São Paulo com Floriano Peixoto, transformam-se em verdadeiras passarelas. Após as 21 horas, começa o jogo da sedução. [...] O difícil é distinguir quem realmente é homem ou mulher. (O Povo, Fortaleza, 14 de janeiro de 1990).

A repórter Ana Quezado, iniciou sua reportagem com o depoimento da “garota” Alcione, de 26 anos, que dizia estar “bom” o mercado para travestis em Fortaleza, embora “ainda fosse fraco” se comparado com o Sul e Sudeste. O termo “garota”, assim como o pronome “ela” foram empregados no texto jornalístico entre “aspas”. Afinal, pessoas como Alcione, não passavam para o discurso jornalístico, de homens vestidos de mulher que integravam uma “legião de travestis”.

originalmente em 1993, não empregou o artigo feminino ao se referir às travestis. Desse modo, ao utilizarmos em nosso texto o termo *travesti* na flexão feminina, estamos valorizando esse processo de construção do gênero feminino nas subjetividades travestis, mas, sobretudo, reconhecendo e respeitando a afirmação do gênero feminino (cultural e gramatical) como uma das principais reivindicações dos movimentos organizados das travestis e transexuais.

⁴ *O Povo*, Opinião, 16 de janeiro de 1990.

⁵ Larissa Maués Pelúcio Silva (2007) lembra que as travestis se viram logo associadas à “rede semântica da AIDS” em que homossexualidade, desvio e doença se relacionam. Nesse momento, as travestis passaram a compor um dos “grupos de risco” mais perseguidos e menos visados pelas agências de saúde.

Alcione foi representada⁶ na reportagem como uma falsa-mulher e a utilização do nome feminino que constitui parte do seu processo de travestilidade⁷ e de autoafirmação de uma identidade de gênero feminina foi interpretada pela jornalista como uma tentativa de disfarçar o seu “verdadeiro sexo”. Quem é homem? Quem é mulher?

A experiência travesti desnaturaliza normas sociais binárias, nas quais o masculino e o feminino teriam seus lugares e condutas permitidas ou não. Na medida em que os sujeitos vivenciam essa experiência, eles são considerados fora das normas de gênero. Como lembra Araujo Jr: “Aquele que se traveste está de certa forma, invadindo território alheio, desestruturando a noção de papéis, invertendo regras ludicamente” (ARAUJO, 2006, p. 12).

Nesse sentido, embora Alcione já tivesse iniciado seu processo de transformação corporal, afirmasse à repórter detestar roupas masculinas, e ainda se considerasse “sempre uma mulher e por sinal bastante feminina”⁸, é o nome masculino, Sergio de Carvalho, empregado no texto jornalístico, que parece legitimar as declarações daquele sujeito.

O termo “experiência” é empregado em nossa pesquisa de acordo como este foi problematizado por Joan W. Scott. Experiência está relacionada com a produção de discursos e a construção de identidades. Segundo Scott é preciso que se leve em consideração:

[...] os processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. (...) Pensar as experiências dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. (SCOTT, 1999, p. 27).

⁶ As reflexões de Roger Chartier (1990) sobre as *representações* contribuíram para pensarmos na construção e na produção dos sentidos presentes no discurso da imprensa sobre as travestis. De acordo com o historiador francês, as estruturas e as práticas culturais e sociais são fortemente marcadas pelas representações, contraditórias e em confrontos, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo. Dessa forma, as construções dos discursos assim como as representações produzidas por esses discursos assumem lugar central na interpretação do nosso objeto de estudo.

⁷ Assim como Silva (2007), optamos pelo uso do conceito de *travestilidade* por considerar que ele alarga aspectos da categorização identitária do termo “travesti”. A travestilidade aponta para a multiplicidade das experiências das travestis, ligada a construção e desconstrução dos corpos. Além disso, as travestis ligadas ao movimento social pelos direitos das minorias sexuais tem adotado o termo travestilidade para falar de sua condição, no sentido de resignificar o sentido da palavra “travestismo”.

⁸ *O Povo*, Cidade, 14 de janeiro de 1990.

O Centro de Fortaleza, mais especificamente a histórica Praça do Ferreira, era um dos espaços da cidade ocupados pelas travestis que praticavam a prostituição nos anos 70/80/90. Situada na região central – comercial e simbólica – da capital cearense, a praça e sua Coluna da Hora, construída em 1991, são até hoje o cartão postal de Fortaleza, tendo sido – a praça – palco de importantes manifestações políticas e culturais em diversos momentos históricos.

As manifestações públicas de travestilidade na Praça do Ferreira eram acompanhadas de violentas estratégias de controle e coerção por parte dos poderes públicos. Em 23 de setembro de 1988, o jornal *Diário do Nordeste* publicou uma reportagem denunciando a repressão policial às travestis no centro da cidade e nas boates localizadas na “Passarela”, na Avenida Duque de Caxias, outro importante espaço ocupado pelas travestis que realizavam shows de transformismo. Segundo a matéria, a Passarela era “o maior reduto dos homossexuais na cidade”⁹.

A matéria foi ilustrada por uma foto na qual aparecem duas travestis tendo ao fundo o *outdoor* com a imagem de um policial e as seguintes frases: “Para você este é um rosto amigo. Para os marginais é a face da lei”. O *outdoor* fazia parte de uma campanha do Governo do Estado do Ceará para melhorar a imagem da polícia perante a opinião pública. Todavia, o “tom” adotado na matéria era de condenação à violência dos policiais contra os homossexuais. Segundo a reportagem: “[...] no centro da cidade, os homossexuais, enfrentam uma verdadeira caçada, principalmente por parte da polícia militar. Nessa briga vale tudo, todos os tipos de humilhações, agressões físicas e até extorsão de dinheiro”¹⁰

Uma das travestis fotografadas e entrevistadas para a reportagem foi Tina Tunner, à época “Miss Simpatia 88”, e atualmente, presidente da Associação de Travestis do Ceará – ATRAC. Tina Rodrigues¹¹, 37 anos, também será uma de nossas entrevistadas nesta pesquisa.

⁹ *Diário do Nordeste*, 23 de setembro de 1988.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ A mudança de nomes e sobrenomes observada entre as travestis pesquisadas é uma constante. Cada sobrenome parece representar um momento específico na vida desses sujeitos. Tina, por exemplo, na época (anos 80) em que fazia shows nas boates imitando a cantora americana Tina Tunner, usava o sobrenome “Tunner”. Nos anos 90, o “Tunner” foi substituído pelo sobrenome “McGyver”, inspirado no personagem McGyver do seriado americano que no Brasil foi exibido com o nome de “Profissão Perigo”. Esse sobrenome está associado ao período em que Tina praticou a prostituição. Atualmente, Tina usa o sobrenome “Rodrigues”, que parece estar mais condizente com seu papel político, ou seja,

Tina Rodrigues, nasceu em Brejo Santo, Ceará, com o nome no registro civil de Francisco Reginaldo Rodrigues. Quando tinha 17 anos, Tina se mudou para a cidade de Fortaleza. Seu processo de travestilidade começou com a mudança para a Capital, onde conheceu o transformismo, os hormônios, o silicone, a prostituição, a luta pelos direitos das travestis. No início dos anos 80, Tina McGyver dividia seu tempo entre o trabalho como vendedor em uma loja, durante a semana, e shows, como transformista, durante os fins de semana, quando se “montava de mulher”. A transformação do corpo, com a aplicação de hormônios e de silicone, se intensificou proporcionalmente a vivência de Tina na prostituição. Em 1988, Tina inicia sua militância no movimento homossexual cearense, inicialmente, no GRAB e, em seguida, na ATRAC, sendo uma de suas fundadoras e a atual presidente.

Em entrevista à pesquisadora Juliana da Frota Justa Coelho, Tina elegeu sua prisão, em 1988, como “marco” para o seu ingresso na luta pelos direitos das travestis no Ceará. Tina “McGyver”, que aquela altura já abandonara o sobrenome “Tunner” do tempo dos shows de transformismo nas boates do centro da cidade, afirmou: “Em 1988, aqui em Fortaleza, eu fiquei, como é que se diz, fui vítima de um preconceito muito forte, eu estava em uma boate, e fui presa, entendeu? Várias travestis, transformistas presas. [...] Fiquei chocada, então foi no jornal junto com uma amiga e denunciemos.” (COELHO, 2006, p. 65).

Lena Oxa, também entrevistada para esta pesquisa, narra que na década de 80, no período noturno, a Praça do Ferreira, era frequentada por travestis e homens que buscavam fazer sexo com travestis. Ela lembra que “Não existia ainda a Beira Mar. Toda a putaria da cidade era na Praça do Ferreira, pelos Correios. Eram muito poucas as que tinham em Fortaleza”¹².

Lena Oxa nasceu em Fortaleza, sendo registrada com o nome Afrânio de Medeiros Fialho. Tina Azevedo foi o primeiro nome feminino adotado por Lena Oxa. Aos 14 anos, Tina Azevedo, começou a fazer shows em uma boate de transformismo. Após sua experiência em Salvador, Bahia, Tina Azevedo adota o nome de Lena Oxa, em tributo à cantora italiana Ana Oxa e como lembrança dos seis anos em que viveu na

de presidente da ATRAC.

¹² Entrevista realizada em 28 de abril de 2010.

Europa. Lena Oxa, como se chama atualmente, 42 anos, é um dos personagens mais expressivos da diversificada cena gay cearense.

As violências e as interdições que uma estrutura familiar patriarcal supõe estão quase sempre presentes nas narrativas das travestis pesquisadas. A primeira entrevista com Lena Oxa fora marcada justamente pelas dificuldades em “ser uma travesti”. Lena nos narrou o seguinte episódio:

Já fui tirada várias vezes de dentro dos ônibus na época em que a gente pegava ônibus em frente à [boate] Casablanca, eles caçavam travestis como se caça agulha. Como se caça passarinho na rua. Eu não sei se aquilo fazia parte de toda uma programação que eles faziam para na segunda-feira poderem “mangar” dos viados. Eles caçavam para poder prender, para segunda-feira ter o que mostrar, a devassidão como falavam na época. (Entrevista realizada em 28 de abril de 2010).

Sobre o processo de travestilidade, ou seja, sobre construção de uma identidade de gênero feminina, marcado pelo embaralhamento dos gêneros e pela construção do feminino em corpos masculinos, as narrativas de Lena Oxa compartilha com algumas questões presentes em outros relatos de vidas de travestis presentes na literatura acadêmica¹³.

A partir das falas das travestis entrevistadas, percebemos que na infância as travestis parecem afirmar os desejos de construir uma vida de forma singular, momento em que manifestam os desejos de se transformarem, questionando a norma estabelecida do que deveria ser da ordem do masculino e do feminino. São histórias de vida marcadas pela estigmatização, discriminação e violências vividas na família, nas relações com a sociedade, com a escola, com os serviços de saúde e outros seguimentos sociais.

¹³ As trajetórias de vida das travestis em alguns trabalhos acadêmicos sobre “o universo trans” aparecem inseridas em uma espécie de “escrita hagiográfica profana”, ou seja, suas experiências iniciais com a travestilidade são atravessadas por fases aparentemente compartilhadas por todas: a descoberta da homossexualidade ainda na infância, a vivência da homossexualidade na adolescência, o primeiro contato com outras travestis que atuam como madrinhas, a entrada no mundo da prostituição, e finalmente, o rompimento com a família, quase sempre coincidindo com a “revolução” do corpo “bombado”, hormonizado, siliconado, prostituído. Não restam dúvidas de que esses são momentos significativos no processo de construção de uma subjetividade travesti. No entanto, nos perguntamos se não teriam algumas obras das ciências sociais limitado às experiências das travestis à prostituição, seja aquela praticada no Brasil, seja aquela praticada internacionalmente. Sem negligenciar ou romantizar o lugar da prostituição na construção das subjetividades travestis, direcionamos nossas pesquisas e nossas entrevistas para a compreensão de outras experiências e outros lugares ocupados por esses sujeitos na sociedade.

No diálogo com as travestis, cujas experiências buscamos historicizar, as narrativas orais se fazem e assumem significados próprios. Como lembra a historiadora Yara Aun Khoury trabalhar com as fontes orais “[...] tem significado explorar modos como narrativas pessoais e únicas trazem dimensões do social vivido e compartilhado; como apontam alternativas em jogo na realidade social, processo de dominação e resistência, horizontes possíveis, limites enfrentados ou a enfrentar”. (KHOURY, 2006, p. 27).

Ao nos aproximarmos das histórias de Lena Oxa, Janaina Dutra, Tina Rodrigues percebemos que essas histórias não nos contavam, simplesmente de suas vidas particulares, mas de um contexto maior, falavam das experiências vividas por um coletivo, fortalecida através de lutas de enfrentamentos ao poder instituído, questionando-o e reivindicando outros modos de convivência social e cultural.

Sofrendo ações de poder, alvejadas por discursos, as subjetividades das travestis emergem, se constroem na fronteira da experiência social (imprensa, polícia, AIDS, movimento LGBT) e subjetiva. Experiências de enfrentamentos vividas quando da afirmação do desejo de transformarem seus corpos e a si mesmas.

O trabalho com história oral, não tem a preocupação de atingir a objetividade dos relatos orais e controlar a subjetividade dos interlocutores, pretende, ao contrário, explorar justamente a riqueza da subjetividade da narrativa, procurando apreender o significado que os fatos tiveram para os narradores; entendendo como eles interpretam estes fatos e explorando também a diversidade das interpretações, diferenças de contradições contidas nas narrativas e entre o documento oral e escrito, para contribuir com a problematização do estudo. (Khoury, 2006).

Pensamos que embora vivendo numa cidade preconceituosa, com conceitos de moral e moralidade ainda presos a valores e regras impostos por instituições como família, escola e religião, as travestis enfrentaram/enfrentam o poder estatizado, a polícia e as suas próprias condições econômicas adversas, realizando aquilo que Foucault chamou de “tecnologia de si”, “práticas através das quais os indivíduos são levados a voltar a atenção para si mesmos, a decifrar-se, a reconhecer-se e a assumir-se como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo mesmos uma certa relação que lhes permite descobrir no desejo, a verdade do seu ser” (FOUCAULT, 2006, 1994).

Esses sujeitos não se vincularam às regras estabelecidas, mas às suas próprias, naquilo que Foucault entende por “estética da existência”, ou uma maneira de viver na qual o valor moral não provem da conformidade com um código de comportamentos nem de um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais e gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa na hierarquia que se respeita.

O aparecimento do HIV e a publicização dos primeiros casos da AIDS no Brasil e no Ceará no início dos anos 80, reforçaram a imagem negativa que predominava no discurso jornalístico sobre os homossexuais, particularmente sobre as travestis. Ao mesmo tempo, contribuiu para o processo de mobilização e de organização política/institucional das travestis no Brasil.

Em Fortaleza, as travestis ocuparam novos lugares e assumiram outras visibilidades por meio da sua crescente organização em ONGs. Esse primeiro momento, de institucionalização da travestilidade, corresponde a uma necessidade política de construção de uma identidade coletiva que se traduziria em conquistas de espaços públicos.

Em entrevista ao antropólogo Alexandre Fleming Câmara Vale, Janaina Dutra, militante travesti falecida em 2004, lembra que:

Em meados dos anos 80, na cidade de Fortaleza, ainda não se conhecia bem a Aids. A Igreja tripudiou em cima, o Estado tripudiou em cima, disseram que era câncer gay. E tudo isso foi desmitificado e hoje o pessoal luta pela parceria civil, as travestis passaram a ser convocadas para falar, para ajudar na conscientização em relação a doença. Uma forma de política já existia antes, mas estava mais ligada com a cultura do glamour, mas com a Aids, já se vê uma forma mais ligada as reivindicações junto às leis do País. (VALE, 2005: 241.

Janaina Dutra foi uma das principais militantes do movimento homossexual/travesti cearense. Desde 1991 fazia parte do Grupo de Resistência Asa Branca - GRAB¹⁴ fundado em 1989, em Fortaleza. A trajetória de Janaina Dutra está

¹⁴ O Grupo de Resistência Asa Branca é uma Organização Não-Governamental de utilidade pública municipal de Fortaleza, filiado a *International Lesbian and Gay Association (ILGA)* e a Associação Brasileira de *Gays* Lésbicas e Travestis (ABGLT). Fundado no dia 17 de março de 1989, a instituição tem como missão melhorar a qualidade de vida da comunidade de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros e pessoas vivendo com HIV/Aids.

ligada à história da luta contra AIDS no Ceará, no Brasil e da luta pelos direitos das travestis.

Janaína Dutra nasceu na cidade de Canindé, Ceará, sendo registrada com o nome de Jaime César Dutra Sampaio. Formou-se em Direito. Seu processo de travestilidade aconteceu nesse período. Primeira travesti que conseguiu sua carteira e filiação junto à OAB. Em 1989, Janaina tornou-se militante dos direitos humanos dos homossexuais, ocupando a vice-presidência do GRAB de Fortaleza. Fundou a ATRAC; exerceu ainda o cargo de Secretária de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis; foi também presidente da ANTRA, Articulação Nacional de Transgêneros; e, por fim, membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Figura das mais destacadas dentro do movimento “trans” participou de inúmeros congressos, mesas redondas e seminários sobre direitos humanos, AIDS e travestilidade. Faleceu a 8 de fevereiro de 2004, aos 43 anos, em decorrência de um câncer no pulmão. (VALE, 2005).

A inserção de sujeitos travestis no campo de luta pelos direitos, como Janaina Dutra e Tina Rodrigues, que possibilitou a ocupação de outros lugares, e a produção de outros discursos sobre a travestilidade, teriam, de certo modo, eclipsado as representações negativas hegemônicas sobre as travestis?

Como aponta Silva:

O que há de novo não é a travesti ou o transformista e, como já se viu, nem mesmo o transexual. O que há de novo é a circulação desses personagens em intensa relação com a sociedade abrangente. O travesti hoje [o autor escreve nos anos 90] no Brasil têm uma inscrição popular e social como ator reconhecido [Silva ressalta que “reconhecido” não é sinônimo de “plenamente aceito”] e com o qual os circunstantes mantêm relações cotidianas, absorvendo, inclusive, seus valores e linguagem. Isso é novo. Isso reverte o quadro histórico. (SILVA, 1993).

O presente trabalho apresenta as primeiras hipóteses de pesquisa sobre como se deu historicamente, em Fortaleza, as inscrições populares e sociais das travestis como ator reconhecido e com o qual os circunstantes mantêm relações cotidianas, absorvendo, inclusive, seus valores e linguagem. Será possível observarmos uma “reversão do quadro histórico”? Que outros sentidos podem ser percebidos aos analisarmos as experiências das travestis em Fortaleza?

Compreendemos que as experiências das travestis são atravessadas por conflitos diversos, que não assumiram uma dimensão de luta política somente com a institucionalização/organização das travestis nas ONGs, mas que esteve/está presente no fazer-se cotidiano, na própria metamorfose do corpo e na manifestação pública de um comportamento homossexual.

BIBLIOGRAFIA

ARAN, Márcia e PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu** [online]. 2007, n.28, pp. 129-147.

BENEDETTI, M.R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade.

BUTTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Coleção: Sujeito e história.

_____. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Içaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Bastidores e estréias**: *performers* trans e boates gays “abalando” a cidade. Fortaleza/CE. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. (Dissertação de Mestrado). 2009.

_____. **“Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta”**: uma compreensão fenomenológica da travestilidade a partir de narrativas. Monografia de conclusão do Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2006.

DENIZART, H. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **A ordem do discurso**. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **História da sexualidade 3 – o cuidado de si**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GREEN, James. **Além Do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica – cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais..** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. O "estranhamento" queer. In: Cristina M. T. Stevens; Tania Navarro Swain. (Org.). **A construção dos corpos.** Perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, v, p. 141-148.

_____. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** [online]. 2009, v. 21, p. 150-182.

_____; Larissa. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**, v. 07, p. 257-267, 2007.

_____. (Org.). Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças - **Revista Teoria & Pesquisa.** 47. ed. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005.

NECKEL, Roselane. **Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979).** 2004 Teses (Doutorado em História do Brasil). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História: São Paulo**, v.24, nº 1, p.77-98, 2005.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne e na pele** – uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. São Carlos/SP: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. (Tese de Doutorado). 2007.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana), 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral.** 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

RAGO, Margareth L. **Os prazeres da noite**, prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado** – cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**, trad. Christine Rufino Dabat, Recife, 1991, (mimeo).

_____. Experiência in SILVA, Alcione Leite da et al (orgs.). **Falas de Gênero.** Ilha de Santa Catarina, Mulheres, 1999

SILVA, H. Travesti. **A invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.

VALE Alexandre. Fleming C.. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. (Tese de Doutorado). 2005.